

O REPÓRTER ESSO E A FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA NO BRASIL NA DÉCADA DE 1940

THE REPORTER ESSO AND THE FORMATION OF THE PUBLIC OPINION IN THE BRAZIL IN THE 1940's

Carlos Renato Dias do Lago	Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil e-mail 2464@academicougb.com.br
Orlando Soares Taborda	Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil e-mail paulocelio@ugb.edu.br
Resumo	Este estudo tem por finalidade analisar, entre os elementos que contribuíram para o pensamento social brasileiro, o formato radiofônico implantado no Brasil na década de 1940 e que sobreviveu até 1969, O Repórter Esso. A verificação do fato histórico processar-se-á através de pesquisa exploratória de caráter bibliográfico. No entanto, estas informações justificam-se pelo fato que novas compreensões são positivas socialmente. Diante das possibilidades frente ao fato histórico, o formato radiofônico teve preponderância na construção da opinião pública, uma vez que o país era ruralizado. Portanto, dentro disso, em que medida o discurso radiofônico veiculado pelo Repórter Esso durante a segunda guerra mundial contribuiu para a formação da opinião pública brasileira com relação ao conflito?
Palavras-chave	Repórter Esso. Pensamento Social Brasileiro. Segunda Guerra. Estados Unidos. Opinião Pública.
Abstract	This study aims to analyze, among the elements that contributed to Brazilian social thought, the radio format implemented in Brazil in the 1940s and that survived until 1969, "O Reporter Esso." The verification of this historical fact will be carried out through exploratory bibliographic research. However, these pieces of information are justified by the fact that new understandings are socially beneficial. Given the possibilities in light of this historical fact, the radio format played a significant role in shaping public opinion, especially as the country was primarily rural at the time. Therefore, to what extent did the radio discourse broadcast by "Repórter Esso" during World War II contribute to the formation of Brazilian public opinion regarding the conflict?
Keywords	Repórter Esso. Brazilian Social Thought. World War II. United States. Public Opinion.
	Licença de Atribuição BY do Creative Commons https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/
	Aprovado em 28/09/2023 Publicado em 17/10/2023

1 INTRODUÇÃO

Propõe-se neste artigo um estudo do comportamento social brasileiro, como opinião pública, processada no período da segunda guerra mundial, entre 1939 a 1945, em que até então, o governo de Getúlio Vargas mantinha uma estreita relação com alemães e italianos desde o início da década de trinta. Dado que se manteve neutro por um período e a consequente decisão do governo brasileiro de entrar na guerra, envolveu diversos cenários.

Primeiro a neutralidade e por fim a decisão de participar ao lado dos aliados no conflito. Esta decisão foi tomada em função de uma forte pressão da sociedade para que o referido governo participasse da guerra ao lado dos americanos, ingleses, franceses e russos. Contudo, conforme Steinfus, neste campo “subsistem muitas zonas nebulosas quanto às circunstâncias” (2000). Na prática foi um jogo de interesse.

Parte-se do princípio, entre outros elementos, que o rádio teve uma preponderância muito forte e, por isso, foi um elemento definidor na construção do pensamento social, cujo resultado veio em forma de manifestação popular favorável a participação do Brasil na guerra. Entende-se que O Repórter Esso, estruturado numa programação radiofônica produzido pelos americanos em 1935, tinha como fulcro imprescindível a dominação sul do continente americano.

Entretanto, não somente esse era o projeto de exercer sua influência no cone sul, bem como combater a hegemonia europeia, domínio germânico, no hemisfério sul, trouxe em seu bojo uma infinidade de elementos estadunidense. Valores esses previamente estabelecidos para volver uma sociedade com longa tradição do velho mundo.

Entre os produtos inseridos nesta sociedade os principais são: o ideológico, cultural e o industrializado. Estes foram implementados sem muito esforço através dos discursos, entre eles o veiculado pela programação radiofônica. Para nortear-se, este estudo orbita-se em torno de dois eixos teóricos: o ideológico e simbólico. O primeiro, discutido por Marilena Chauí e o segundo é o Pierre Bourdieu.

A ideologia é um fenômeno que tem uma infinidade de determinantes, entre elas, destaca-se, que é “um instrumento de dominação de classe [...] da divisão da sociedade em classes contraditórias e em luta” (CHAUÍ, 2006, p. 92). Fato esse que nos faz anuir, baseado no argumento de Ângela de Castro Gomes, segundo a qual, a partir de 1942/43 o governo já estava engajado num esforço político eleitoral.

Dentro deste contexto é possível vislumbrar uma nova arquitetura política de transição do Estado Novo para outro regime. Consequentemente, “a partir de 1942/43, engajou-se em um importante esforço político de fortalecimento de sua estrutura sindical-corporativista (GOMES, 2005, p. 265). Bem como os Ministérios do trabalho, Indústria e Comércio e por fim, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) configurou um sistema sincronizado de dominação.

Em vista disso, também alicerça em conformidade com o posto os enunciados de Bourdieu

que nos diz: “na produção das idéias acerca do mundo social acha-se sempre subordinada de fato à lógica da conquista do mundo do poder [...] mobilização do maior número” (BOURDIEU, 2009, p.175). Em fim, neste contexto a sociedade deu uma resposta e isso não implica afirmar se é o real ou o oposto do desejo dos grupos dominantes.

Segundo Hespanha, é corpus doutrinal onde há sempre dois discursos estruturantes que estruturam a formação social no sentido de manter a hierarquia: o discurso jurídico e o teológico. “A ideia de ORDEM é central na imaginação política e jurídica moderna” (HESPANHA, 2008, p.26), em função disso para manter a “ordem” que vigia até então, todos os instrumentos a serviço de dominação foram possíveis naquele momento dos novos rumos mundiais. Inclusive O Repórter Esso que hegemonicamente exerceu seu papel na formação do pensamento social.

1.1. O ADVENTO DO RÁDIO E SUA UTILIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO POLÍTICO

É bem provável que ao configurar seu invento do rádio no final do século XIX, o italiano Guglielmo Marconi, nascido em 1874 na cidade de Bolonha, não tinha a clareza que tal instrumento viria estreitar as relações dos homens em várias partes do globo.

Na dimensão em que ocorreu, quanto a aproximação que antes era realizada oralmente e posteriormente pelo jornal impresso, isso não se dava de forma perfeita por ser limitado em função de alguns aspectos, entre eles o analfabetismo. A dificuldade no transporte e por fim, o elemento econômico era também determinante.

As informações demoravam meses até permear os lugares mais longínquos, não somente isto, a qual dentro de sua forma original muito se diferenciava do real para diferentes sociedades. Dentro disso, o homem urbano e o camponês viviam em universos completamente distintos e sem contato.

O advento da industrialização trouxe novas maneiras e valores de ver e entender o mundo. O fator “integração social” tornou-se evidente na condição de ponte entre o mundo urbano e os grotões. Designa-se um estado de interdependência na relação indivíduo e sistema social. Dentro dessa ideia o rádio foi um instrumento muito utilizado em larga escala por vários governantes em diversos países no mundo. Em vista disso atingiu o grande público, a massa popular, e chegou em diversos lugares, lugarejos e grotões. Dado que em tempos anteriores isso era impossível.

Fato esse calhou uma nova padronização na construção dos discursos e sobreveio no referido processo de integração e aproximação de novos modelos de dominação. A combinação desses elementos, e numerosos outros, proporcionou a construção da unicidade de uma identidade social ampliada. Esta nova realidade do século XX apontava que as transformações sociais caminhavam em passos largos e que a distância entre os homens estava encurtando.

Uma vez que trazer, integrar esses indivíduos isolados muitas vezes equidistantes do centro do poder, era o desejo não de generosos homens dominadores enquanto tal, mas resultou considerar

um mercado de produção e consumo voraz por novas dimensões espaciais. Tanto o homem em si quanto a geográfica, conexão essas, objetos de desejo.

1.1. INAUGURAÇÃO DO RÁDIO NO BRASIL

A partir de 1922 no Brasil, precisamente em 7 de setembro em comemoração do centenário de sua independência, é que se inicia a transmissão radiofônica. A instalação dos equipamentos e a irradiação foram realizadas no alto do corcovado Rio de Janeiro. Evento esse realizado por uma empresa norte americana, a Westinghouse. Nesse sentido a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 23 de abril de 1923 pelo então Roquete Pinto foi pioneira ao entrar no ar na referida data (HAUSSEN,2001, p.18)

Segundo consta, os primeiros passos do rádio tinham um papel de pouca relevância na sociedade. Até porque os aparelhos eram poucos e os ouvintes desembolsavam uma taxa ao Estado como forma de uso das ondas. Contudo, a programação era descontínua e os horários eram totalmente irregulares. De certa forma, eram ouvintes quem tinham recursos financeiros, bem como tempo e paciência para sintonizar a emissora desejada (HAUSSEN,2001, p.18)

Por toda a década de vinte o rádio não fugiu muito de um trabalho praticamente artesanal. Compunha o cenário da radiofusão vários elementos determinantes para o insucesso no meio do grande público. Tinham poucos receptores e o valor de cada aparelho não tinha valor acessível ao grande público. Além disso, transmissão de baixa qualidade contribuía para que o a massa social não despertasse interesse na programação. A intelectual Haussen aponta que a radiofusão ficava limitada ao campo da experiência lúdico-científicas e que na prática era usufruto de uma pequena parcela da elite da sociedade.

O fator econômico e o analfabetismo foram determinantes para a não compreensão da programação veiculada, que era música clássica, ópera e etc. Segundo Luciano Klockner, o que predominava nas emissoras era o jornal falado, cujo formato reproduzia as informações publicadas na imprensa escrita. Os locutores de plantão vociferavam as manchetes matutinas e vespertinas.

1.2. O RÁDIO A PARTIR DE 1930

A partir do início da década de 30 - com a expansão do rádio e o aperfeiçoamento das técnicas nas programações radiofônicas, juntando-se a isso uma nova realidade no contexto mundial que foi de quebra de paradigmas, bem como o surgimento de grandes lideranças mundiais e uma polarização de um modelo totalitário pelo globo - o rádio foi visto pelos grandes chefes de estados, inclusive Getúlio Vargas, como um grande instrumento de aproximação da massa popular. Em suma, o nascimento do populismo no Brasil.

Francisco Weffort argumenta que o populismo é um fenômeno de caráter urbano e de

manipulação das classes populares. Contudo, é um modo de expressão de insatisfação de grupos sem privilégios e, concomitantemente conecta com a classe dominante que se estrutura nas permanências de poder. Paulo Freire afirma que, era uma manipulação desempenhada pelos dominantes e tenha tido sua contrapartida na pressão de que foram capazes as classes populares urbanas manipuladas” (FREIRE, p.22).

O rádio foi utilizado de forma ampla e eficaz por Hitler na Alemanha, Franklin Roosevelt nos Estados Unidos e Getúlio Vargas no Brasil implantando a política de governo. O autor Krockner informa que na Alemanha nos anos 30 os nazistas transformaram o rádio num instrumento de propaganda ideológica e que, 70% das famílias possuíam esses aparelhos. Tal era a importância que o governo patrocinou a produção de receptores, bem como estimulou a instalação em diversos setores tais como: fábricas, escritórios, bares, restaurantes e, além disso, em praças públicas.

Franklin Roosevelt fez uso transmissões radiofônicas para aproximar da população, cujo título do “Presidente do Rádio”. Conversa ao pé da lareira com seus ouvintes divulgando seus feitos no desenvolvimento social e econômico. A política do New Deal. No Brasil, Getúlio Vargas chegava aos grotões com seus discursos de mudanças e transformação social para aquele homem comum. O camponês que até o momento tinha o homem do governo como muito distante, a partir de então, sente certa proximidade. Discurso bem trabalhado e emotivo gerava um impacto na sociedade e com isso conquistava simpatia.

2.O REPÓRTER ESSO

A década de trinta na história da humanidade foi um divisor de águas quando a entendemos como tal e partimos de alguns aspectos. Temos a decadência da democracia liberal e a ascensão do totalitarismo em boa parte do globo. Do outro lado a expansão do comunismo e a luta contra esse modelo que ganhou forma e adeptos. Seus simpatizantes lidavam com duas realidades ao mesmo tempo, perseguição e a busca por novos espaços.

A América latina, principalmente o cone sul, sendo ainda influenciada por valores europeus preservando a longa tradição. Principalmente a Alemanha, esta por sua vez objetivava uma germanização brasileira, cuja logística de cunho econômico e social. De um lado o interesse nas riquezas naturais, matérias primas e etc., não somente, mas inserir seus valores culturais com o objetivo de vender seus produtos industrializados de forma ampla.

Isto não se datava recentemente, desde outrora, em 1916, o desejo era criar um novo estado alemão. Pedro Tota discute a questão trazendo que na década de 30, Hermann Raschning que era membro do partido Nacional Socialista, fez uma avaliação e afirmou que devia criar no cone sul americano um novo alemão. Dado que aqui tinha o precisava. Contudo, para tal feito não precisava desembarcar tropa, conquistaria o Brasil por meio de armas invisíveis. (TOTA, 2000, p.86).

Ainda o autor, o contexto da geopolítica mundial da Europa e América do Norte travaram-

se em luta por espaço. Para os americanos o mundo estava praticamente fechado. A Europa pelos nazifascistas e América Latina ao longo do tempo declinada pelos Estados Unidos estava sob a tutela dos Europeus por séculos” (TOTA, 2000, p.21).

A resistência da sociedade brasileira era gigantesca em relação aos americanos. Para a opinião pública, os irmãos do Norte eram arrogantes e sua imagem sempre associada ao Tio Sam, cujo elemento estava sempre a ameaçar os latinos- americanos. Dentro desta configuração, um incidente caracteriza bem a imagem que os brasileiros tinham construídos sobre a figura do Estados Unidos como ameaçador.

A eterna Carmem Miranda no cassino da Urca em 1940 em um show para a elite carioca, retornando dos Estados Unidos, saudou a platéia em inglês. “Um silêncio sepulcral foi a resposta do público que tinha ido ao cassino para rever a pequena notável”. Em contrapartida os americanos tinham uma imagem formada dos brasileiros no sentido negativo, os quais, para eles, não passavam de pessoas desnutridas doentes e de pouca inteligência, pouco diferenciando dos silvícolas. (TOTA, 2000, p. 16 e 17)

O projeto de quebra de resistência foi implementado pelo Presidente Franklin Roosevelt no sentido de melhorar a imagem dos latinos americanos diante de sua sociedade, também no sentido inverso. Para isso foram utilizados diversos instrumentos para aproximação, jornal, revista, cinema e o rádio. Na década de trinta os grupos dominantes estavam construindo seus universos geopolíticos. Para isso, o rádio foi a linha mestra nesta trajetória. Octávio Ianni argumenta em seu prefácio que a globalização estava presente na realidade e no pensamento desafiando grande número de pessoas em todo mundo (IANI, 1997, p. 16,17)

Foi dentro deste contexto que diversos países instituíram organismos específicos para propaganda e controle de informação. A França criou a Maison de La Press, Grã-Bretanha o Empire Marketing Board, a Alemanha o escritório de notícias e os Estados Unidos o Office of Inter-American Affairs (OIAA). As iniciativas, através de notícias em jornais, filmes-documentários, emissões radiofônicas intercontinentais e outras ações, procuravam publicizar os atos do governo e atrair a simpatia dos públicos externo e interno (KROCKNER, 2008 p. 35)

Em 1935 nos Estados Unidos iniciou-se a trajetória do Repórter Esso, tendo como origem a Stand Oil, sendo mais conhecida por Esso ou Exxon, grande companhia petrolífera neste referido país de propriedade de família tradicional desde o século XIX, os Rockefeller.

Em curto espaço de tempo já estava implantado em 14 países da América latina, cujo formato seguia à risca o modelo fordista. Rigidez em horário, linguagem clara e precisa, locução de impacto e um musical demarcando o início e o fim da programação, e o fator tempo amplamente respeitado, cinco minutos de reportagens, sendo quatro minutos e meio, quinze segundos para o início e quinze para o final pertinente a musicalidade, chamamento do ouvinte. A construção do texto na linguagem radiofônica sucinto objetivo e os fatos com aparência de imparcialidade. Assemelhava um manual de procedimentos da indústria de notícia e os passos a serem realizados pelo radialista bastava ser

seguidos (KROCKNER, 2008 p. 45)

A partir da consolidação do Repórter Esso, boa parte dos ouvintes passaram a acertar o relógio quando a característica noticiosa entrava no ar. A hora certa, assim desenvolve-se o hábito cada vez mais crescente de parar tudo para prestar atenção nas últimas informações. (SILVA, 2006, p. 10). Sendo a fase anterior onde as programações radiofônicas não obedeciam de forma confiável os horários. Chauí assegura que a ideologia não é um reflexo do real na cabeça dos homens, sendo modo ilusório, onde o mundo real parece ser verdadeiro, mas na prática é falso (CHAUÍ, p.). Portanto, assim difundiu-se o estilo de vida dos americanos, American da off Life no país. Estratégia, caracterizar o consumo de produtos made in USA.

Alfredo Kroeber, citado por Roque de Barros Laraia, mostrou como a cultura tem uma grande atuação sobre o homem, “graças à cultura a humanidade distanciou-se do mundo animal” e, ainda diz, ” A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações” (LARAIA, 2005, p. 36).

Nesta relação de poder o efeito simbólico é devastador, “O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem” e, dado que, é estruturado estruturante de comunicação e conhecimento, uma vez que os sistemas simbólicos cumprem funções políticas impondo e legitimando a dominação (BOURDIEU, 2009, p. 9 e 11)

Ariel Dorfman faz uma discussão sobre a comunicação de massa. Segundo ele, os americanos projetaram na Disney todos seus interesses, cujos consumidores são as crianças, hoje, amanhã adultos, estão prontas para consumir reproduzir e digerir de forma natural o que foi concebido, tanto adultos e crianças não seriam antagônicos e que, por fim, resumem-se num abraço. Tendo em vista que a literatura infantil é a melhor cavidade onde, assim assegura o autor, se possam estudar os disfarces e verdades do homem contemporâneo, porque onde menos se pensa encontrá-los (DORFMAN, p.).

Percebe-se que dentro de um conjunto os produtos americanos tornaram-se encantador. Não pelo fato de ser o extremo em qualidade, porém não se pode desprezar os agregados que traziam, entre eles coca-cola, revista de história em quadrinhos, entre eles o Pato Donald, o chiclete, a produção cinematográfica e outros, mas simbolicamente envolvente pela grande estrutura dominante e estabelecida. “Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social” (BOURDIEU, 2009, p.10)

Não somente, mas em todas as edições do noticiário, que eram diárias, estavam presentes os elementos que acabamos de citar. Conforme Luciano Klockner, a prioridade não era as notícias locais e nacionais e que o noticiário teria que atender aos interesses políticos e comerciais patrocinados pela Stand Oil of New Jersey, cujos interesses tendo no topo o das agências americanas.

O Repórter Esso no início era produzido pela United Press Associations (UPA) e logo em seguida UPI, cuja agência de notícias abasteceu os brasileiros até 2 de julho de 1997. Visto que exerceu papel relevante na dominação por meio de distribuição de informações e o que era decidido

nas agências de notícias no exterior tinha a finalidade de serem divulgadas no Brasil. O Repórter Esso, porta voz da Standard Oil of New Jersey, produzindo quase que integralmente pela UPA e depois UPI” (KROCKNER,2008, p. 31,35).

A primeira edição do Repórter Esso foi ao ar em 28 de agosto de 1941 em um horário muito especial para a época às 12 horas e 55 minutos. Neste horário a maioria da população estava em atividade, uma vez que o país era extremamente agrário e os centros urbanos eram de médio porte. No final de 30 as agências de notícias americanas já tinham atuações no Brasil e patrocinavam os programas radiofônicos.

O Repórter Esso tinha como regra frases curtas e impactantes, ou slogans. Exemplo: “O Repórter Esso: O primeiro a dar as últimas; Testemunha ocular da história” KROCKNER,2008,52). No dia que os aliados tiveram a vitória sobre a Alemanha houve divulgação, pelo referido formato radiofônico, 400 vezes só na Rádio Nacional. Ainda, conforme o autor citado (p.53), em maio de 1945 a programação bateu recordes de permanência no ar. Por fim, o Repórter Esso sempre citava as fontes e divulgava o que era comprovado e isso dava-lhe credibilidade. Contudo, não dava prioridade às notícias locais e nem as nacionais. O manual da United Press em América Latina assegurava o contrário, ou seja, que o homem comum tem mais interesse no que ocorre nas redondezas do que longe

Questão de patrocínio, nos Estados Unidos em 1951, a Federal Trade Comisson fez um trabalho de investigação sobre denúncia de que a grande empresa estava exercendo controle sobre a imprensa. Mais tarde um grupo de professores utilizou o resultado desta investigação para um trabalho na universidade de Havard. Chegaram a uma conclusão que a sociedade norte-americana semitotalitária pela concentração capitalista dos meios de comunicação do pensamento. (KROCKNER, 2008, p.66)

Esse autor, citando Coutinho, aponta que são largas as verbas direcionadas à publicidade das grandes companhias estrangeiras na imprensa brasileira. Verdadeiras fortunas são distribuídas à maioria dos nossos jornais para a propaganda das realizações e dos produtos dessas companhias. No entanto sob condição, que esses jornais poupassem-os de qualquer crítica, bem como defender interesses opostos aos seus. (KROCKNER,2008, p.66). Grande poder econômico e com um universo de interesses, além dos seus, juntamente o do governo Getúlio. Do outro lado, empresas dependentes de tecnologia e capital e de um formato de programação radiofônica já preestabelecido em função de uma globalização.

2.1. A OPINIÃO PÚBLICA SOBRE O CONFLITO

O ano de 1942 foi atípico em toda história do cenário brasileiro em relação ao plano internacional. A partir do dia 7 de dezembro do ano anterior com o ataque (Peal Harbor) dos japoneses aos americanos, em apreensão, o Brasil marcou uma conferência dos chanceleres para o

dia 15 de janeiro para definir uma posição. O Brasil, entre as propostas apresentadas, apresentou uma na qual constituía uma ruptura das relações tanto comercial política militar e diplomática com os países Pan-americanos e o eixo. O Estados unidos em guerra pressionou os países da America latina e o México que tinha concordado com tal proposta.

Neste evento a Argentina e o Chile permaneceram alinhados ao eixo. Osvaldo Aranha, diplomaticamente, em suas negociações atingiu objetivos importantes. De um lado cedeu às pressões americanas que foi o rompimento diplomático como o eixo, e do outro, conquistou o comprometimento dos americanos no fornecimento de armas necessárias para a defesa do território nacional. Equilíbrio diplomático em que a América Latina ficou em harmonia, ou seja, argentinos e chilenos permaneceram em suas posições iniciais favoráveis aos alemães e a base da America latina que é o pan-americanismo não sofreu danos. O crédito maior ficou com a nação do Norte, tendo em vista que o pan-americanismo era o maior símbolo de poder.

O resultado disso foi que a partir da conferência, até então os alemães tinham esperança na posição firme do Brasil a seu favor, os submarinos entraram em ação no Caribe, atlântico, e toda costa brasileira. O primeiro ataque foi em 15 de fevereiro de 1942 e prosseguiram até o final de agosto. Alguns navios foram torpedeados por submarinos alemães na costa brasileira como forma de retaliação. Assim o governo anunciou o rompimento das relações diplomáticas com os países do eixo com desfalques para a marinha mercante brasileira e de numerosas pessoas. E isso teve um custo enorme, bem como impacto do ponto de vista emocional na sociedade.

A sociedade brasileira ficou apreensiva diz Roberto Sander. O país era considerado um “arquipélago brasileiro”. A integração social era realizada de forma intensa pela navegação, uma vez que as rodovias eram precárias e não ofereciam a menor possibilidade da integração das extremidades, pois a malha ferroviária não atendia toda demanda local. Através da aviação ficava restrito somente a um número insignificante da sociedade. Desta forma, norte e sul se integrava por meio das águas do atlântico e é aí que estava o eixo central do problema.

Como navegar se os submarinos alemães estavam à caça pela costa brasileira. Do outro lado tinha-se um governo que até recentemente era aliado dos italianos e alemães. Neste momento colocava-se numa posição de neutralidade, embora com as relações diplomáticas rompidas. Portanto, em abril de 1942 a marinha mercante perdeu sete navios e conseqüentemente 174 vítimas fatais. Tais ações continuaram até maio e, junho e julho as marinhas da Alemanha e Itália ofereceram uma trégua unilateral para uma mudança de posição brasileira, fins de julho retomam as ações. Haja vista que por esses países foi dispensado operação militar contra o país brasileiro. (STEINFUS,2000, p. 310, 311, 312)

Segundo este autor, os comandos da Itália e Alemanha decidem dividir o atlântico em zonas operacionais, atlântico norte cabe a Alemanha e o centro sul à Itália. A primeira quinzena de agosto dá uma impressão de calma, mas a segunda marca uma nova etapa. Até então o alvo eram os navios cargueiros, mas agora os navios de passageiros são também alvos certos e com um grande

número de mortos. Diferente na questão de perdas humanas dos ocorridos até o momento. Só nesta última quinzena de agosto de 1942 foram 886 vítimas entre mortos e desaparecidos

A insegurança predominava nos mares, tanto é que os moradores dos edifícios eram aconselhados a manterem as luzes apagadas dos apartamentos na orla carioca. Dentro disso, nesse ínterin houve um crescimento no fenômeno da criminalidade, assaltos e outros, o que até então era de índices baixos. Segundo Roberto Sander, o fenômeno era visto pela imprensa como elemento social gerado pela violência de uma guerra que se alastrava pelo mundo (SANDER, 2007, p. 66).

O intelectual afirma que foi cogitado pelo Conselho de Segurança Nacional a transferência temporária do governo federal para Belo Horizonte. Embora, a topografia do Rio Janeiro fosse uma aliada a favor de uma certa segurança, mas o 500 km de distância da capital seria de maior eficácia

Entre as manifestações e passeatas ocorridas, algumas no mês de junho, a primeira em termos potenciais, a que fez eco do descontentamento social diante do massacre de inocentes civis foi realizada em quatro de julho de 1942 no Rio de Janeiro; liderada pela UNE, união nacional dos estudantes que foi um grande movimento de revolta com os nazistas e uma demonstração de apoio aos aliados. Utilizaram cartazes, faixas, carros alegóricos e todo aparato de um movimento de insatisfação popular. Entre os objetivos o principal era pressionar o governo para tomar as medidas possíveis contra o nazismo e o fascismo.

Em todo país eclodiam os movimentos com os brados, “guerra”, “vingança”, “viva Brasil”, “abaixo o eixo”. Um sentimento de união nacional, nacionalidade, passou a predominar por todo o país. Com a nova escalada de destruição marítima pelos alemães no mês de agosto, no dia 18 milhares de pessoas de várias cidades do país saíram às ruas para manifestar-se e exigir do governo uma declaração de guerra ao lado dos aliados. Entrar na guerra ao lado dos aliados era o desejo da sociedade brasileira naquele momento.

Dentro disto, Getúlio Vargas ainda resistente à tomada de posição na declaração de guerra contra ao eixo, mas ao mesmo tempo de olho no futuro ficar ao lado da sociedade render-lhe-ia crédito. Dado que mantinha até então distância dos acontecimentos e, nesse momento, vê-se na obrigação de reagir. Portanto, em 22 de agosto o gabinete se reúne e decide reconhecer a existência de um estado de beligerância com a Alemanha e Itália. Decisão essa que em 31 de agosto transforma o estado de beligerância em estado de guerra entre Brasil Alemanha e Itália. A reação dos Estados Unidos à decisão brasileira foi de satisfação em Washington. Roosevelt enviou a Vargas mensagens prometendo que os Estados Unidos fornecer-lhe-ia auxílio moral e material. (STEINFUS, 2000, p. 316)

O objetivo central dessa reviravolta se explica pela necessidade do regime de proceder à formação de uma base social e política que garantisse a continuidade do Estado Novo. (PENNA, 1989, p. 209). Contudo, a opinião pública inflamada e favorável à participação do país no conflito mundial foi determinante nos rumos do país. Não pelo fato em si, mas pelos interesses dos grupos dominantes. Os quais, em tais circunstâncias, alinhar-se à opinião social seria líquido e certo a

colheita de bons resultados político eleitoral. Afinal, a dominação tem asas longas e não perde o foco.

3. EM ÚLTIMA ANÁLISE

Se, até então os brasileiros tinham um pensamento de base europeia e ocorreu uma mudança de concepção, em curto prazo, ou seja, poucas décadas, para a americana; pode se dizer que isto foi graças ao conjunto de mecanismos ideológicos implementado na América Latina, em especial no Brasil. Então, a linguagem dominante destrói o discurso político espontâneo dos dominados, restando-lhes o silêncio numa lógica onde prevalece a dos eruditos, melhor dizendo o do dominador (BOURDIEU, 2011, p.430/1). Portanto, neste silêncio o que concebe é verdadeiro. Foi assim os “estruturantes” e os “estruturados”. O Repórter Esso numa construção de discursos e a sociedade brasileira na esteira da formação do pensamento social dentro de uma ideia americana que resultou numa opinião pública favorável à entrada do país na guerra.

A sociedade brasileira ruralizada, onde boa parte vivia no campo e, além disso, o analfabetismo era predominante, o rádio proporcionava o elo entre os dois mundos: o urbano e o rural. Portanto, esta vida cotidiana apresenta-se uma realidade interpretada por esses homens subjetivamente, dando-lhes sentido construindo um mundo coerente (BERGER, 1985, p.35) e, objetivamente, do mesmo modo, os grandes líderes políticos e econômicos com seus interesses particulares, ideologicamente têm esta ponte encurtada por meio de vários instrumentos, entre eles o rádio. Logo, O Repórter Esso passou a ser determinante nesta vida ordinária onde “as verdades criadas e impactantes” deslizavam pelas mentes humanas assim estratificando.

Na medida em que a essência da produção de um discurso precisa de “sentido” e a paráfrase é a matriz deste, sobretudo sustentado na repetição, onde simultaneamente ocorre os movimentos distintos em sentido e, por sua vez, no mesmo objeto simbólico. Dado que o formato radiofônico tinha hora exata para ir ao ar com suas mensagens de efeito e isso foi cristalizando no espírito coletivo. Não somente isso, mas ao longo do dia nas programações radiofônicas e imprensa escrita os interesses das agências americanas estavam na frente.

As instituições brasileiras de comunicações eram irrigadas com verbas em publicidades de seus produtos. Portanto, entre as frentes, eram duas prioritárias: o sentido político e o econômico. Logo, foi dentro dessa ideia que se criou um novo pensamento social brasileiro através dos discursos estruturados ideologicamente. E, o Repórter Esso foi um dos maiores símbolos na comunicação sob a ingerência dos EUA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe um painel que possibilita identificar elementos que coadunam com a hipótese levantada. Na qual o formato radiofônico contribuiu de alguma forma para a formação do

pensamento social brasileiro para que a opinião pública pressionasse o governo a decidir entrar ao lado dos aliados na guerra. Dado que, a arquitetura assentada pelos americanos na América Latina, especificamente no Brasil, trazia em seu bojo uma produção de discursos, cujos enunciados com larga escala de sentidos de um simbolismo da dominação. (ENI, 2013, p.38).

Contudo, proporcionalmente à medida que intensificava os conflitos mundiais, também as discussões pela imprensa escrita e falada, especificamente via Repórter Esso, tornavam-se mais acaloradas, e isso no sentido dos interesses das agências de notícias dos americanos. Logo, portanto, o que se conclui é que o pensamento social brasileiro reverberou numa opinião pública favorável à entrada do Brasil na segunda Guerra mundial e isso deveu-se, entre os instrumentos utilizados O Repórter Esso. Porquanto, o tema é complexo e muito tem se estudado, mas muito ainda falta recuperar e, no caso desta produção, não se encerra aqui. Apenas encerra.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. Luckmann. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento do julgamento**. Porto Alegre: 2011.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DORFMAN, Ariel. **Para Ler O Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

ENI P. Orlandi. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

GOMES, Ângela Maria Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HESPANHA, Antônio Manuel. **Imbecillitas**. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades do Antigo Regime. São Paulo: Antônio, 2010

IANNI, Octavio. **Teoria da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KROCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: EDPUC, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2005.

PENNA, Lincoln de Abreu. **Uma História da República**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SILVA, Luiz Gustavo Ferreira e. **REPÓRTER ESSO**. O radiojornalismo brasileiro e a testemunha ocular da história, 2006. <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/LSILVA> PD. Acesso em 26 julho 2023.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler**: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

STEINFUS, Ricardo. **A entrada do Brasil na segunda guerra mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TOTA, Antonio Pedro: **O Imperialismo Sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.